

# Crise ambiental e conversão ecológica

*Atílio Battistuz\**

## Resumo

Nestas páginas vamos tentar contextualizar a crise ambiental, a partir de algumas informações técnicas e científicas, explicitar um pouco como compreender a crise que vivemos hoje. Ao mesmo tempo queremos nos questionar as causas tanta agressão. Qual é a matriz cultural e a cosmovisão que sustentam práticas tão agressivas para a sociedade e para o ambiente. A teoria científica de Gaia ajuda a entender a importância das florestas e da floresta Amazônica no contexto atual. Outra questão é entender a Amazônia a partir da própria Amazônia. Por que a Amazônia tem que ser vista, analisada e interpretada de fora da Amazônia? Por que tanto medo que a Amazônia tome suas próprias decisões? É tempo de Amazonizar a sociedade e o mundo. Por fim, queremos contribuir na reflexão sobre a conversão ecológica, proposta pelo Sínodo para a Amazônia, e algumas pistas práticas de conversão e ação que possam ajudar a enfrentar a crise socioambiental.

**Palavras chaves:** Amazônia; Hipótese de Gaia; Conversão Ecológica; Sínodo Panamazônico – Reflexões.

\* Misionero franciscano en Brasil, miembro del Eje "Justicia Socio-ambiental y Buen Vivir" de la REPAM. Correo electrónico: fratilio@yahoo.com

---



# Environmental crisis and ecological conversion

## Summary

In these pages we will try to contextualize the environmental crisis, based on technical and scientific information, in order to explain how to understand the crisis we live today. At the same time we want to question ourselves on the cause of so much aggression. What is the cultural matrix and the worldview that sustain such aggressive practices for society and the environment? The scientific theory of Gaia helps to understand the importance of forests and the Amazon rainforest in the current context. Another topic is to understand the Amazon from the Amazon itself. Why does the Amazon have to be seen, analyzed and interpreted from outside the Amazon? Why so much fear that the Amazon will make its own decisions? It's time to Amazonize society and the world. Finally, we want to contribute to the reflection on an ecological conversion, proposed by the Amazon Synod, and some practical signs of conversion and action that can help us address the socio-environmental crisis.

**Key words:** Amazon; Gaia hypothesis; Ecological Conversion; Panamazomic Synod – Reflections.



**O** Sínodo para a Amazônia tratou de grandes temas. Um deles foi a questão ecológica. Na minha avaliação é o maior dos temas do sínodo, porque trata não só da vida interna da Igreja, mas é um tema de interesse de toda a sociedade. E não só da sociedade humana, tem a ver com a solidariedade e comunhão com todas as formas de vida, com a preservação da Amazônia e com a nossa sobrevivência no planeta. O documento final dedica um capítulo, não só para tratar da crise, mas para apontar caminhos. O caminho é uma conversão ecológica. O documento é muito claro, direto e objetivo ao reconhecer que estamos hoje *diante de uma crise socioambiental sem precedentes* (65).

## CONTEXTUALIZANDO A CRISE AMBIENTAL

O que é essa crise? Quero tentar explicitar rapidamente o que é essa crise. Tenho impressão que a maioria de nós, a começar pela Igreja, ainda não nos demos conta da gravidade da crise ambiental, mesmo que o nosso linguajar reconheça que existe uma crise profunda e urgente. Não sou cientista, sou missionário na Amazônia. Vou tentar descrever na linguagem, da maneira e na gravidade como entendo e sinto o problema a partir das leituras e estudos que faço. Não tenho intenção de ser preciso, porque isso compete aos técnicos e cientistas. Quero apenas chamar atenção para alguns elementos da crise, do ponto de vista mais ambiental do que social, sabendo que essas duas crises são inseparáveis e que tudo está interligado.



Quando falamos de “aquecimento global”, “efeito estufa”, “mudanças climáticas”, “crise socioambiental”, normalmente a explicação que se dá como causa é o aumento de dióxido do carbono na atmosfera, provocado pela queima de combustíveis fósseis. A imprensa normalmente se limita a isso. É isso sim, mas muito mais. Tem uma série de fatores além desse, que formam um conjunto e estão interligados. O planeta está sendo agredido e violentado de diversas formas: na atmosfera, nos mares, nas florestas, na biodiversidade, nas terras férteis, no subsolo, nas águas, pela superpopulação e superconsumo.

A *atmosfera* é responsável pela regulação da temperatura, pelo efeito estufa. E ao longo das eras geológicas foi encontrando o seu equilíbrio. O carbono é um gás existente na atmosfera em quantidade muito pequena, menos de 1%. No início da era industrial a quantidade de carbono na atmosfera era de 280 ppm (partes por milhão) e hoje ultrapassa 400 ppm, um aumento de aproximadamente 145%, o que aumenta a capacidade da terra de reter calor e aumentar as temperaturas e provocar alterações no equilíbrio do clima. Mas existem outros fatores.

Os *organismos vivos* regulam o clima e a química da atmosfera em seu próprio interesse. Todos os gases da atmosfera, como metano, nitrogênio, oxigênio, dióxido de carbono, menos 1%, chamados gases raros ou nobres, são reciclados pelos organismos vivos, sofrem mudanças onde existe abundância de biodiversidade, como é o caso da Amazônia. A atmosfera é reciclada pelos organismos, tanto animais como vegetais, micro ou macro organismos. Hoje, entre 500 mil e um milhão de espécies animais e vegetais estão ameaçadas, entre elas as abelhas, responsáveis pela fecundação de mais de 70% de toda a produção de alimentos. Já se fala que a terra entrou na sexta extinção em massa, e desta vez por causa humana, chamada de era do antropoceno. A eliminação de espécies e a redução da biodiversidade interferem na reciclagem e equilíbrio da atmosfera, e como consequência, do clima.

O planeta terra atua dentro de um conjunto de *limitações*. “Todas as formas de vida tem uma temperatura mínima, máxima

e ótima para o crescimento, o mesmo vale para a acidez, a salinidade, a quantidade de oxigênio no ar e na água” (Lovelock). E mais, o número de indivíduos de cada população também tem um limite, controlado por predadores, a alimentação disponível e as condições ambientais. Uma única bactéria, sem predadores e com suprimento de nutrientes, em poucos dias tomaria conta da terra. Hoje, quem não tem predador e é predador universal é o ser humano. Em 1.800 d.C. ainda não éramos um bilhão de habitantes no planeta. Demoramos milhares de anos para alcançar a cifra do primeiro milhão de habitantes, alcançada no início do século XIX. No ano 2.000 já éramos seis bilhões. Em 200 anos a população humana se multiplicou seis vezes. Hoje já somos mais de sete bilhões, no mesmo planeta de sempre. Hoje no mundo nascem cerca de 200 crianças por dia. Isso significa uma grande pressão sobre o planeta, pois demanda sempre mais espaço, alimentação, habitação, roupas, energia, combustível, infraestrutura e outras necessidades. Isso sem considerar a geração de lixo, o consumismo e a desigualdade social, pois a parcela dos 20% da população mais rica consome 80% de todos os bens de consumo produzidos globalmente. Para contemplar toda a população mundial com um padrão de consumo dos países ricos, seriam necessários hoje cinco planetas iguais à terra. Só por aí já se percebe a gravidade do problema socioambiental que vivemos hoje.

Outra superpopulação que pressiona o planeta é o de animais domésticos, sejam os animais para consumo, como bois, porcos e frangos, como os animais de estimação, os gatos e cachorros, que também demandam alimento, espaço, cuidados e toda uma lógica de consumo. Só na Amazônia brasileira a população bovina ultrapassa 80 milhões de cabeças. A população bovina mundial está em torno de um bilhão. O número de galinhas é três vezes a população humana. Isso significa mais pressão sobre o limitado e pequeno planeta, nossa casa comum.

As *algas marinhas*, assim como as florestas, também refrescam o planeta e se alimentam de dióxido de carbono, reciclando a atmosfera e sequestrando carbono. O aumento do dióxido de carbono desequilibra as algas. Calcula-se que se chegar aos 500 ppm de



dióxido de carbono na atmosfera, as algas entram em colapso. Com a diminuição da área dos oceanos cobertas por algas, seu efeito resfriador diminui e a temperatura dispara e, de acordo com o IPCC, poderia representar um aumento de 3°C na temperatura.

As *geleiras polares e os glaciais* também refrescam o planeta, pelo efeito albedo. Uma superfície coberta de neve ou gelo reflete de volta para o espaço quase toda a luz do sol que recebe, e com ela também o calor, e permanece frio. Esse fenômeno se chama albedo. Ao contrário do que acontece com superfícies escuras, como o asfalto, por exemplo, que acolhe o calor do sol, esquenta e armazena calor. O gelo tem albedo de 95%, o asfalto tem albedo de 5%. O sol não derrete o gelo, porque ele funciona como um espelho. O que derrete o gelo é o calor ambiente das pedras e das superfícies escuras. O Ártico canadense, só para citar um exemplo, está descongelando 70 anos antes do previsto por cientistas. Diminuindo o gelo aumenta a superfície que agrega calor, derretendo o gelo ainda mais rapidamente, agregando mais calor, formando um círculo vicioso de aquecimento.

O gelo congelado há milhares de anos, também conserva grandes depósitos de *metano*, que são mantidos em cristais de gelo. Com o derretimento do gelo este metano é liberado para a atmosfera. Na atmosfera o metano é um gás de efeito estufa 24 vezes mais potente do que o dióxido de carbono. O degelo, além de reduzir o efeito albedo, libera metano para a atmosfera. O degelo tem ainda como consequência, o aumento do volume dos mares e oceanos.

A população hoje está cada vez mais concentrada em **áreas urbanas**. Na Amazônia, a população urbana já ultrapassa os 70% de toda a população, a média mundial é ainda maior. As cidades agregam calor. Os edifícios, pontes, viadutos, asfalto acumulam calor, contribuindo para o desequilíbrio do clima. Na Amazônia chega a ser de 8°C a diferença de temperatura entre a floresta e a cidade. A floresta refresca, a cidade aquece.

Todos esses fatores estão interligados, são elementos que compõem a crise, somam e agravam a situação. A última vez que o pla-

□

neta liberou uma quantidade de dióxido do carbono para a atmosfera num volume como ao do momento atual, foi há 55 milhões de anos, por causas naturais, num período de aproximadamente 2.000 anos. Naquele contexto as temperaturas aumentaram entre 5°C, nas regiões mais frias, a 8°C, nas regiões tropicais. O planeta demorou duzentos mil anos para recuperar o equilíbrio anterior. Hoje, num período de 250 anos, por causas humanas, pelo uso de combustíveis fósseis, liberamos a mesma quantidade de dióxido de carbono que naquela época. Os cientistas consideram catastrófico para a espécie humana e para milhares de espécie, se a temperatura do planeta aumentar 4°C. Nos últimos cem anos o aumento já foi de 1,5°C. As conferências do clima da ONU estabeleceram como meta não ultrapassar 2°C. Isso não se alcança por consenso político, se alcança por mudanças de práticas e atitudes, e principalmente mudança de modelo de economia e de padrão de desenvolvimento. O que está em jogo não é o planeta, mas a espécie humana. Quando a gente fala em “preservar o planeta”, significa preservar as condições do planeta favoráveis à vida humana e a milhares de formas de vida.

Quando o ser humano surgiu, o planeta já era 98% tal como é hoje. Nós fomos dos últimos a chegar. No seminário onde fiz o ensino médio, em Agudos, no interior do Estado de São Paulo, há um museu de biologia e história natural. Logo na entrada há uma pintura com um calendário geo-biológico da terra, representando 4 bilhões de anos em um ano só. A origem da terra foi no mês de janeiro. As formas de vida primitiva começaram em julho. As formas de vida se tornam abundantes no mês de novembro, ainda na água. As primeiras plantas terrestres só surgem em dezembro, assim como os répteis, os dinossauros e os grandes mamíferos. O ser humano só surgiu no dia 31 de dezembro, às 22:00h. A era industrial e tecnológica nem está representada. O planeta existe antes de nós e vai continuar depois de nós. Ele continuará, conosco ou sem nossa presença. Quem está em jogo somos nós, a continuidade da espécie humana. O planeta não precisa de nós. Nós é que precisamos dele para viver. Ele já eliminou muitas espécies de vida, quando se tornaram insuportáveis e destruidoras. Ele pode eliminar mais uma, pelo perigo que representa, pelo seu alto grau de



destruição. Nosso planeta pode perfeitamente nos eliminar e continuar sem nossa presença. Essa é a grande crise.

## A AMAZÔNIA NO CONTEXTO DA CRISE AMBIENTAL

As florestas são um fator importante no Planeta Terra para o equilíbrio do clima, umidade, temperatura e das condições favoráveis a diversas formas de vida, entre elas a vida humana. As florestas sequestram o gás carbônico e refrescam o planeta. Cientistas dizem que o planeta precisa de pelo menos 50% de suas florestas nativas preservadas para manter o clima favorável à vida humana. A verdade é que as florestas estão ameaçadas. Esse é um dos dramas ambientais que estamos vivendo. É grande o número de florestas ameaçadas. Pela internet circula uma lista das 10 florestas mais ameaçadas, da Ásia e Pacífico, Nova Zelândia, Oceania, Indonésia, Filipinas, América do Sul (Mata Atlântica do litoral brasileiro e parte da Argentina e Paraguai), centro-sul da China, América do Norte (Floresta da Califórnia), África Oriental e Madagascar. O planeta hoje, só tem 22% das suas florestas originais preservadas, menos da metade do que o postulado como necessário pelos cientistas. A América do Norte só tem 20% das suas florestas nativas, a Ásia continental só tem 6% e a Ásia insular tem 22%. A África, embora tenha a segunda maior floresta tropical do planeta, a floresta do Congo, só tem 8% das suas florestas originárias; e a Europa, que há séculos tem o problema da preservação das florestas, e quem por primeiro colocou a questão da sustentabilidade das florestas, há mais de 400 anos, já não tem florestas nativas, só tem menos de 1% das florestas originárias. A floresta mediterrânea está praticamente extinta. Nos últimos cem anos a Europa reflorestou mais de 40% de seu território. A América do Sul, graças à Amazônia tem 44% das florestas originárias. A Amazônia representa hoje em torno de 1/3 de todas as florestas que ainda existem. Por isso é enorme a importância da Amazônia no contexto atual. A Amazônia é praticamente o último reduto de florestas preservadas, por isso sua capital importância, e “todos” olham para a Amazônia, ou com esperança ou com ganância. Hoje para falar de ecologia, é quase obrigatório falar da Amazônia. É quase impossível falar de aquecimento global ou mudanças climáticas sem considerar a importância da Amazônia.



A Amazônia tem peculiaridades próprias. Grandes mistérios sobre a Amazônia já foram desvendados, tais como o ciclo de reciclagem da água pelas florestas, e o intercâmbio de chuvas com os biomas vizinhos, através dos rios voadores. É sabido que na Amazônia existe uma cumplicidade entre a floresta e a chuva. A floresta sustenta a chuva e a chuva sustenta a floresta. A floresta depende da chuva, e a chuva depende da floresta. A floresta cria condições para gerar a chuva que ela precisa. As árvores absorvem a água por suas raízes, que sobe por seus tecidos vegetais dos troncos, passa pelas folhas, verdadeiros painéis solares, e transpiram grandes volumes de vapor de água na atmosfera. Uma árvore de porte médio é capaz de transpirar para a atmosfera uns 300 litros de água por dia; uma de grande porte é capaz de transpirar até 1.200 litros. Mas não é suficiente a umidade para ter chuva. A umidade precisa de superfícies que funcionem como núcleos de condensação para formar gotas e nuvens. Com o ar úmido e sob a luz do sol, os aromas das plantas – chamados *compostos orgânicos voláteis biogênicos* – formam um pó finíssimo com afinidade com a água, que em contato com o sol se oxidam, formando os núcleos de condensação das nuvens. A floresta regula seu próprio bem estar.

As queimadas e os desmatamentos comprometem esse casamento. Com a diminuição da floresta, diminui automaticamente a umidade e a chuva. Se as chuvas diminuem, comprometem a floresta. Não só a floresta Amazônica mas também biomas vizinhos. O cientista brasileiro, Antônio Nobre, calcula que a devastação da Amazônia está próxima do ponto de não retorno. Há tempos ele lançou a hipótese de que a floresta na Amazônia pode virar uma savana. Agora já há suspeitas de que o processo está em curso. O principal fator de preocupação é o aumento da duração da estação seca no sul e no sudeste da Amazônia. Nos últimos 30 anos, a estação seca, nas áreas desmatadas está em média seis dias mais longa por década. Se continuar assim, aquela região acabará virando uma savana bem degradada. Hoje, quase 20% da Amazônia já está desmatada. Se chegar a 25% a floresta pode entrar em colapso e não tem mais volta. Estudos começam a mostrar um aumento da mortalidade de algumas espécies de árvores. Então, estamos realmente muito próximos desse ponto de ruptura.



As chuvas na Amazônia beneficiam não só a floresta mas também os biomas vizinhos. A relação entre a umidade da floresta, os ventos alísios na linha do equador, que vão de Leste para o Oeste, e a cordilheira dos Andes, fazem com que a Amazônia exporte umidade e leve chuvas para outras regiões do continente como Bolívia, Paraguai, sul do Brasil e norte da Argentina. São os chamados rios aéreos. Isso ficou comprovado em agosto de 2019, quando as queimadas da Amazônia, ventos na mesma rota que levam a chuva, levaram fumaça, escurecendo São Paulo em plena tarde. A fumaça chegou até Montevidéu, no Uruguai. Uma pesquisa recente comprova que as queimadas na Amazônia aceleram o degelo na cordilheira dos Andes. Mostrando mais uma vez que tudo está interligado. As florestas, todas as florestas, não só a Amazônica, geram um clima amigável, dão suporte ao florescimento das sociedades humanas, consomem gás carbônico, mantêm resfriado o planeta, controlam secas e enchentes e funcionam como termostato de equilíbrio da temperatura. Desmatar as florestas é sempre um risco. Quando se trata da floresta Amazônica o risco é ainda maior devido ao frágil equilíbrio que sustenta a floresta.

## TUDO ESTÁ INTERLIGADO

A Terra é um sistema fisiológico dinâmico, que vem mantendo nosso planeta apto para a vida há mais de 3 bilhões de anos. James Lovelock, cientista britânico, um dos criadores da teoria, define que é um “sistema fisiológico, porque parece dotado de objetivo de regular o clima e a química em estado confortável para a vida. Seus objetivos não são fixos, mas ajustáveis e adaptáveis às formas de vida que mantém”. Um congresso internacional de Geofísica, realizado em 2001, atestou que “o sistema Terra comporta-se como um único sistema autoregulador formado de componentes físicos, químicos, biológicos e humanos”. Esta teoria foi chamada de teoria de Gaia, referindo-se carinhosamente a um personagem da mitologia antiga. As mitologias viam a terra como uma entidade, um ser dotado de sentimentos, relações e paixões, cheio de vida e dinamismo. O nome Gaia vem da mitologia grega, mas a teoria científica é conclusão de mais de quarenta anos de estudo. A teo-

ria de Gaia e a compreensão do planeta como uma grande unidade em equilíbrio e harmonia, nos ajudam a perceber a importância da Amazônia no contexto climático mundial atual, e na relação da Amazônia com os ecossistemas vizinhos. A teoria de Gaia nos diz que não apenas existe vida sobre a terra, mas a própria terra é um grande organismo vivo. Os povos originários da América veem a terra como uma grande mãe, com uma fecundidade indescritível, capaz de nutrir e sustentar todos os seus filhos. A ciência cada vez mais confirma isso. São Francisco de Assis a canta como Irmã e Mãe terra. O Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, a chama de Casa Comum.

Os fenômenos da natureza, tais como a chuva, o vento, o calor, o frio, as correntes marítimas, as marés, as tempestades, as secas, as estações do ano, as cachoeiras, as nuvens, são como os sinais vitais de um ser vivo, como os batimentos cardíacos, a pressão sanguínea, a circulação do sangue, a respiração, a transpiração, a digestão. Tudo num grande equilíbrio e harmonia. Gaia parece ter um objetivo: criar e regular as condições da superfície do planeta, para que sejam sempre as mais favoráveis para que a vida seja possível. O equilíbrio de Gaia funciona no limite. Toda forma de vida tem seu limite. Tem a temperatura máxima, mínima e ideal, assim como a acidez, a salinidade, oxigênio, água e outros fatores. O número de indivíduos de uma espécie num ambiente também tem seu limite, de tal forma que tudo funciona em cooperação.

As florestas, os mares, os desertos, as algas marinhas, as calotas polares, as geleiras, as rochas, os minerais, a atmosfera com os gases que a compõem, a biodiversidade, funcionam num grande sistema de cooperação, interdependência e solidariedade, num equilíbrio muito sutil. O sistema Gaia é um grande sistema de cooperação e interdependência. Os biomas, embora formem unidades com características próprias, estão todos interligados. Gaia hoje sofre violência de todos os lados, como vimos acima, como se fosse uma guerra total e implacável.



## DE ONDE VEM TANTA AGRESSÃO?

Esta pergunta é decisiva e fundamental. É importante identificar a causa para poder buscar soluções. Nós já sabemos qual a causa e de onde vem tamanha agressão. O Papa Francisco fez um diagnóstico completo na *Laudato Si'*. A causa é humana e é fruto do atual modelo de economia de mercado globalizado, de consumo exagerado, de lucro insaciável e de concentração de riqueza, que considera que a economia deve crescer sempre, e transforma a irmã e mãe terra, nossa casa comum, e tudo nela em “recursos naturais”, tudo transformando em mercado, objetos de negócios, desde os “serviços ambientais” até vida humana.

As consequências desse modelo foram bem descritas e repetidas insistentemente no processo de escuta sinodal e assumido pelo documento final do sínodo no número 10.

Qual é o impacto que isso tem sobre a Amazônia? “A Amazônia hoje é um território em disputa”, disse o Papa em Puerto Maldonado, na abertura do Sínodo, em 19 de janeiro de 2018, e nós bem o sabemos, por experiência, pelo que vemos com os próprios olhos, pelo sentimento com o coração e pela dor e sofrimento dos povos que aqui vivem. Se a Amazônia pode representar esperança, pela importância que tem no equilíbrio dos climas do planeta, para que sejam favoráveis à vida humana, também é verdade que a Amazônia é o último reduto onde o capitalismo e o mercado encontram praticamente tudo o que precisam para manter um modelo de progresso linear, de crescimento constante, e com tudo em abundância: água, floresta, madeira, minerais de todas as variedades, desde ouro, ferro até nióbio, biodiversidade, terra para agricultura, para pecuária, fronteira para o agronegócio e para gerar energia. Os governos hoje, são os principais responsáveis pela destruição da Amazônia, exatamente aqueles que deveriam protegê-la, ou se tornam conivente com as empresas do grande capital que vem para investir e tirar lucro, fazem concessões, ou desenvolvem grandes projetos que não condizem com a realidade e o bioma amazônico e nem são do interesse de seus povos, que muitas vezes nem sequer são ouvidos e considerados, pelo contrário, são desrespeitados em

seus direitos de consulta. Quem deveria ser o principal cuidador, é a principal ameaça.

“A Amazônia é um território em disputa”. Aqui estão em disputa diferentes modelos de ocupação, desenvolvimento e de progresso. O primeiro modelo é extrativista predatório, vê a Amazônia como fonte de recursos naturais e de matéria prima, de petróleo, madeira, minérios, como ferro, nióbio, ouro, suas práticas são de desmatamentos, queimadas, monocultivos, uso de produtos químicos em grandes quantidades, pecuária extensiva, agem com violência contra as populações locais, mão de obra escrava, desrespeito às leis e ao Estado ou em convivência com o Estado. Tem como consequência a concentração de renda, a criminalização de lideranças, contaminação das águas, envenenamento dos solos, compromete a biodiversidade e o ciclo das chuvas e umidade. Esse modelo, denunciado pela *Laudato Si'* e pelo sínodo, “responde à lógica da ganância, típica do paradigma tecnocrático dominante” (67), e culturalmente fundamentado na mentalidade e cosmovisão da “cultura ocidental”.

Há um outro modelo sendo proposto como solução para a Amazônia, que é o da bioeconomia, valorizando a biodiversidade e que sugere promover milhares de bioindústrias, que criariam milhares de empregos e agregariam valor aos produtos da região, fortalecendo as cadeias produtivas locais e regionais, integrando-as no mercado. O questionamento, ou o perigo, é, se mais uma vez não vai monopolizar as tecnologias e conhecimentos nas mãos de uns poucos e quem vai lucrar não serão os laboratórios e as indústrias, explorando mais uma vez as populações locais, inclusive se apropriando dos conhecimentos tradicionais.

O outro modelo é socioambiental, ecológico, de convivência com a floresta, que é o originário, pois provém das culturas e conhecimentos dos povos tradicionais, mas enriquecido e fortalecido com técnicas e conhecimentos de base científica. Esse modelo ecologicamente preserva melhor a floresta e sua biodiversidade, e socialmente é mais justo no uso dos recursos e ocupação da terra, bem como na distribuição de renda. Valoriza mais as populações tradicionais, a fixação do “homem” na floresta, e tem um mercado



promissor de frutas, cocos, artesanatos, polpas, fitoterápicos, óleos, castanhas, ecoturismo, entre outros. Este modelo tem o apoio da Igreja e foi reconhecido pelo sínodo: “queremos apoiar uma economia centrada na pessoa que também cuide da natureza” e, “apoiamos projetos que propõem uma economia solidária e sustentável, circular e ecológica” (73).

“A Amazônia é um território em disputa”. Uma das grandes disputas é por território. A começar pelo conceito de território. Para o modelo extrativista predador, território é um conceito geográfico, que se pode visualizar e determinar num mapa, que abrange uma determinada superfície, que alguém pode se apropriar, ser dono, registrar, onde existem determinados recursos naturais a serem explorados. Interessa o território porque ali tem minérios, madeira, podem-se construir usinas elétricas, extrair ferro, ouro, criar gado, produzir grãos, fazer rodovias, ferrovias, portos. Nesses territórios não contam as populações locais, muito menos se forem populações tradicionais. São consideradas obstáculos ao progresso e ao desenvolvimento. Nem se importam com os problemas sociais, os impactos ambientais, as destruições, resíduos, contaminações e mortes que ficam para trás. Esse modelo é motivado por uma cultura de conquista e prepotência. É predador e assassino.

Outro conceito de território é o espaço apropriado e transformado pela atividade humana. Está mais ligado à cultura, ao coração, tem mais sentimento. Ele deve ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. Nesse conceito, que é o compreendido pelos povos indígenas, é impossível alguém querer ser proprietário de terra, de um determinado território, pois a terra não me pertence, sou que eu pertencço à terra. Dessa forma, para além da dimensão físico-espacial, o território inclui um conjunto abrangente de relações sociais, como as socioeconômicas e as políticas, bem como as representações sociais sobre ele. Nessa concepção, os limites territoriais são definidos pelas pessoas e pelos grupos sociais a partir de suas representações e de suas relações.

O território é o chão que pisamos (ou que deveríamos pisar) e as ações e relações que se dão sobre este chão. O território tem história, sentimento, tradição, mística. “Reconhecer a maneira como os povos indígenas se relacionam e protegem seus territórios, é uma referência indispensável para a nossa conversão a uma ecologia integral” (79).

## A AMAZÔNIA VISTA PELA AMAZÔNIA

Cada ponto de vista é a vista de um ponto. Quando você sobrevoa a Amazônia você tem uma visão da Amazônia. Do alto, distante, tem um determinado sentimento sobre a Amazônia e faz uma análise e uma leitura da Amazônia. Quando você navega pela Amazônia, tem outra visão da Amazônia, sente outros sentimentos pela Amazônia e faz outras leituras e análises da Amazônia. Quando você mergulha na Amazônia, convive com a Amazônia, visita, entra em comunhão e vive em comunhão com os povos da Amazônia, começa a sentir a Amazônia profunda. Quando você começa a sentir os rios da Amazônia correrem em suas veias, você começa a se encantar pela Amazônia; quando você começa a sentir a floresta pulsar em seu coração, você começa a se apaixonar pela Amazônia; quando você descobre os encantos da Amazônia e os encantados de seus povos, você começa a ser Amazônia. A Igreja está presente há mais de 400 anos na Amazônia. A Igreja mergulhou na Amazônia. Os missionários se encantaram com a Amazônia, muitos tornaram-se mártires pela Amazônia e o sínodo provoca para toda a Igreja encantar-se com a Amazônia e apaixonar-se pela Amazônia e amar a Amazônia.

A Amazônia deve ser vista a partir da Amazônia, não a partir das capitais políticas, dos centros de poder, dos palácios, muito menos do hemisfério norte e dos centros financeiros e econômicos. A Amazônia deve ser interpretada por ela própria, ou seja a partir da própria Amazônia. Essa foi a metodologia do Sínodo, e continua sendo a metodologia sinodal; antes de tudo escutar, sentir, dialogar, aproximar-se, procurar novos caminhos para a Igreja, para a evangelização, para a ecologia integral, novos caminhos para a sociedade, e por que não, novos caminhos para nossos países, e não seria ousadia dizer, novos caminhos para o mundo, a partir da Amazônia,



isto é, na ótica da Amazônia, com a cosmovisão amazônica. Olhar a Igreja, olhar a sociedade, olhar o planeta com os pés, os olhos, os ouvidos e o coração na Amazônia. Quando falo Amazônia penso na Amazônia territorial, continental, visualizada nos mapas além das fronteiras, mas penso também a Amazônia no seu todo, no seu conjunto, com as florestas, os rios, a biodiversidade, as chuvas, os seus povos, territórios, culturas, comunidades, tradições, cosmovisões, conhecimentos, mistérios, encantos e segredos. O primeiro grande momento do sínodo foi de escuta. Mais de 250 assembleias regionais, seminários, rodas de conversa na Amazônia e fora da Amazônia, mais de 85 mil pessoas participaram, 172 diferentes povos indígenas deram sua colaboração. Mas a atitude de escuta é mais do que isso. A escuta é mais do que uma etapa num processo. É mais do que um momento cronológico. É um momento kairológico, é conversão, é uma atitude. A voz da Amazônia vai além das palavras, dos relatórios e das assinaturas. A voz da Amazônia está também nas palavras não ditas, no silêncio, no sofrimento, na violência sofrida por seus povos, no sangue dos líderes que se une à terra, no testemunho dos mártires, na agonia da floresta em chamas, na morte dos animais sufocados, na tristeza e monotonia das monoculturas, na contaminação dos rios, no ronco das motosserras, na migração para a cidade, no desprezo dos pobres sem políticas públicas, na exploração das crianças. A voz da Amazônia está também na resiliência da floresta, no encanto dos seus rios, na contemplação da chuva, na resistência de sua gente, na diversidade de suas culturas, na riqueza de seus conhecimentos, alguns deles milenares, na beleza de suas paisagens, na paz de um amanhecer, no colorido de um por do sol, na diversidade de suas culturas, na simpatia de seus habitantes, no respeito às forças e ao ritmo da natureza. Em tudo isso está a voz da Amazônia. É mais do que uma voz. É um grito. É um lamento. É uma cosmovisão. É uma espiritualidade. É uma mística. É um jeito de ser, de viver e de conviver.

O sínodo foi, e continua sendo, expressão da Amazônia. É por isso que o Sínodo incomodou e ainda incomoda muita gente. É por isso que houve governo e militares, que ficaram com medo, não pela Igreja, mas pela Amazônia. A sociedade de cultura ocidental não sabe ouvir. Não sabe e não quer. Dizendo sociedade, falo do



meu país, mas com certeza também de outros, que não sabem ouvir a Amazônia, por isso é agressiva e intolerante e não admite que a Amazônia possa ser diferente e tenha direito de ser diferente, e ser respeitada como tal. É perigoso ouvir. É perigoso aceitar o diferente. É perigoso porque exige conversão. É perigoso, porque ao ouvir, quem tem que mudar sou eu. A Igreja ainda está aprendendo a ouvir. Ainda não aprendeu o suficiente, porque ouvir não é só um momento, é uma atitude. Ouvir é uma prática. Para ouvir é preciso humildade e saber dialogar. Por isso o Sínodo e a sinodalidade são importantes para a Igreja.

O Sínodo quer abrir novos caminhos para o cuidado da Casa Comum, para uma ecologia integral. Os problemas ambientais fomos nós que criamos, pelas concepções e cosmovisões que fundamentam um modelo de vida, um padrão de consumo, uma forma de relacionar-se com a natureza e o mundo, com a sociedade e com o próprio Deus, privatizando-o e manipulando. Essas mesmas concepções e cosmovisões da cultura ocidental, que têm sua origem nos gregos, passa pelos romanos e tem sua culminância na Europa, é matriz da cultura hegemônica na sociedade. Essas concepções e cosmovisões autorizam a conquista, a intolerância e a violência contra o diferente, bem como enaltecem e valorizam o domínio sobre a natureza e a exploração insaciável dos recursos naturais, que provocam concentração de riqueza e deixam para trás destruição, lixo, contaminação, desertos, pobreza e desigualdade social. São essas concepções da vida e do mundo, com suas cosmovisões e mentalidades que estão destruindo a Amazônia. É a raiz do problema. É essa concepção cultural e essa cosmovisão que dão origem ao atual modelo de extrativismo predatório, de indústria, de economia, de mercado, de consumo, que é destruidor, e além de excludente, é assassino e suicida. É essa lógica que está destruindo não só a Amazônia, mas as condições do planeta favoráveis a milhões de vidas, inclusive a vida humana, e sem ressentimentos e sem peso de consciência. Desse modelo não vem a solução para o problema que ele mesmo criou. Não é quem causa o problema que tem a solução para o problema. A sociedade de cultura ocidental, na qual eu me incluo, e que a Igreja também participa, não tem solução para a crise ambiental sem precedentes que estamos vivendo.



Mas será que não existe solução? Existe sim solução para este problema. E se a solução estiver na Amazônia? Outros caminhos já existem, é preciso descobri-los e percorrê-los. Eles estão na Amazônia! Por isso é preciso ouvir e dialogar com a Amazônia. Se a nossa matriz cultural, suas concepções e cosmovisões criaram um problema, que está destruindo em nossa casa comum as condições favoráveis à nossa vida, e do qual não temos a solução, é preciso procurar uma solução em outros lugares, em outras culturas, em outras concepções e cosmovisões que possam abrir caminhos novos. Não se trata de conhecimentos técnicos ou científicos, trata-se de concepções e cosmovisões que motivam práticas e atitudes. Os povos indígenas, da Amazônia e de outros lugares, tem outras cosmovisões do mundo e outras concepções da vida, diferentes da nossa, com longa história, que motivam outras formas de organização social, outra economia e outra maneira de relacionar-se com o mundo e com a natureza. O Papa Francisco e o Sínodo para a Amazônia tiveram uma grande sensibilidade ao desencadear um processo de escuta da Amazônia e seus povos. A escuta mais profunda e mais difícil, como já nos referimos, é ouvir mais do que as palavras e os relatórios, é ouvir a sua cosmovisão do mundo e concepções de vida, que motivam práticas e atitudes. Eles têm o que nos falta. O sínodo propõe “gerar alternativas de desenvolvimento ecológico integral a partir das cosmovisões que são construídas com as comunidades, resgatando a sabedoria ancestral” (73).

É difícil para a hegemônica, conquistadora e prepotente cultura ocidental, de matriz europeia, reconhecer isso. É difícil admitir que a solução para o problema que nós criamos pode estar na Amazônia e com os seus povos. É difícil admitir que os povos indígenas podem estar mais certos do que nós. É difícil admitir que a solução para os problemas e o caos que nós criamos possa estar com os povos indígenas, exatamente aqueles que consideramos “entraves” para progresso e o desenvolvimento. Os povos indígenas representam 5% da população mundial, e cuidam de 83% da biodiversidade do planeta. É preciso humildade para reconhecer isso, humildade que leva à conversão. Esta é uma verdadeira conversão. Isso exige conversão total, completa, cultural, ecológica, espiritual, integral.

□

Não nos faltam referenciais para isso. São incontáveis os missionários que fizeram isso na Amazônia. Os franciscanos, movimento ao qual pertencemos, temos um grande referencial, de encontro e de diálogo intercultural e inter-religioso, que foi o encontro de Francisco de Assis, filho da cultura ocidental, com o sultão do Egito Al-Malik al Kâmil al Ayoubi, em Damietta, em 1219 e que celebramos 800 anos. Mas o grande referencial nosso, é o mistério da encarnação que celebramos no Natal. O mistério da encarnação de Cristo nos ajuda duplamente. Primeiro, porque Jesus se encarnou em uma cultura, num contexto histórico, se fez judeu, de sangue, cultura, religião e cosmovisão, que existindo em forma divina esvaziou-se, e tornou-se humano (cf. *Fl* 2,6-8), falou uma língua local, exerceu uma profissão, viveu numa aldeia periférica, longínqua da capital do Império. E segundo, porque habitou em nossa Casa Comum, fez de nosso planeta a sua morada, o seu santuário, o seu sacrário. Por causa dele, não só a nossa natureza humana foi divinizada, como bem fundamentam os teólogos, como já explicitaram nossos pais na fé, na era patrística, e como foi assumido pela liturgia da Igreja, mas toda a natureza criada foi divinizada, porque ele mesmo se fez natureza, se fez criatura e veio morar com suas criaturas. Depois da encarnação de Deus, a natureza não é mais a mesma. É mais do que nossa Casa Comum, é também a Casa de Deus. Nosso planeta terra é Casa de Deus. Nossa “irmã e mãe terra” é habitação de Deus. “Pachamama” é Casa de Deus. “Gaia” é morada de Deus, “pois Deus enviou seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por meio dele” (*Jo* 3,17). A Amazônia é santuário de Deus. A encarnação de Deus é o referencial metodológico e a grande motivação teológica. A encarnação de Deus em Jesus de Nazaré é o grande referencial para o cuidado da casa comum e para uma conversão ecológica.

## CONVERSÃO ECOLÓGICA

“Os povos da Amazônia e seu horizonte de *buen vivir* interpelam-nos à conversão ecológica individual e comunitária que salva-guarda uma ecologia integral” (73).



A ecologia para ser integral precisa abranger todos os setores e dimensões da vida diária. Há tempos que o teólogo Leonardo Boff nos chama a atenção de que há várias ecologias. Há uma ecologia ambiental, uma ecologia social, uma ecologia mental, e uma ecologia integral, e as explicitou em várias publicações e em diferentes mídias. Mas foi necessário que o Papa Francisco, na *Laudato si'*, chamasse a atenção para a realidade e gravidade do problema socioambiental e para a necessidade de uma ecologia integral, para que muitos, especialmente na Igreja, se dessem conta disso. O sínodo assumiu e incorporou a ecologia integral e a transformou num critério de conversão. Nenhuma conversão é completa e integral se não for também ecológica. Toda conversão, pessoal, comunitária e social, só é verdadeira, se for também ecológica.

O *bem viver* dos povos nativos da América, mais exatamente dos povos andinos, é reconhecido por muitos, e citado em muitos ambientes como uma alternativa, e pode ser um antídoto à crise socioambiental que viemos. Com certeza o é. Mas precisa ser entendido dentro da cosmovisão e da filosofia de vida dos povos que a criaram e a vivem, e não dentro da cultura ocidental e a partir da cosmovisão ocidental. Na cosmovisão ocidental o centro está no homem, no ser humano, e mais especificamente, no indivíduo. Na cosmovisão andina o centro está na comunidade. O *bem viver* não é unicamente para o ser humano, é para a comunidade, ou com a comunidade. E mais uma vez, na cosmovisão andina, a comunidade entendida não só como a comunidade humana, mas a comunidade de vida e o seu ambiente. Da comunidade fazem parte os animais, as florestas, o sol, a chuva, as aves, a mãe terra -*pachamama*, a família, os semelhantes. O *bem viver* é o *bem viver* com o outro: *bem viver* com a comunidade, *bem viver* com a família, *bem viver* com a montanha, *bem viver* com os rios, *bem viver* com a Amazônia, *bem viver* com o irmão e a irmã, *bem viver* comigo mesmo e *bem viver* com Deus. Mais uma vez, para *bem viver* assim, exige conversão. Conversão significa mudanças não só de atitudes e práticas superficiais, mas também do referencial teórico e de cosmovisão. Afinal, “convertei-vos e crede no Evangelho” foi a primeira palavra de Jesus (Mc 1,15) no seu primeiro dia de ministério profético, condição indispensável para acolher o Reino.

O que é ecologia integral? O Papa Francisco popularizou o termo “ecologia integral”, pelo menos nos ambientes eclesiais, mas não o definiu, nem o conceituou, ao contrário, o deixou em aberto, pois “tudo está interligado”. O documento final do sínodo da mesma forma o assumiu, mas também não o conceituou, nem explicou como o entende. Talvez seja melhor assim, deixá-lo sempre em aberto, livre, criativo, permitindo a cada um fazer a sua síntese e o seu processo de conversão. A ecologia integral tem a ver com a vida diária e com todos os momentos e dimensões da vida. Tudo na vida terá que ser ecológico. Todas as atividades humanas tem impacto ambiental, algumas mais, outras menos, mas sempre tem impacto. Hoje não se pode pensar nenhuma atividade humana sem se preocupar com o impacto ecológico, desde o lazer, a agricultura, a produção de alimentos, o cuidado com a saúde, até a arquitetura, a administração da cidade, o transporte, a indústria, a mineração.

A ecologia integral tem a ver com os mínimos detalhes da vida de cada dia. Para melhor entender o que seria uma ecologia integral, talvez nos ajude se a desmembrarmos em partes, pelo menos didaticamente, para ajudar a compreensão, assim teríamos uma alimentação ecológica, agricultura ecológica, lazer ecológico, turismo ecológico (ecoturismo), fontes de energias ecológicas, cuidado ecológico com a saúde, até uma liturgia ecológica, uma teologia ecológica (ecoteologia), uma “espiritualidade ecológica” (81). Aí então, considerando que tudo está interligado, poderemos falar em ecologia integral. Talvez nunca alcancemos plenamente, porque a conversão é sempre um processo e é sempre permanente, mas é preciso começar e dar sinais. Os sinais terão que ser honestos e coerentes.

Muita coisa já existe, mas que não seja mais um produto de negócio, para ganhar mercado, como a “agricultura verde”, “pecuária verde”, mas que não expressam conversão, porque o “mercado” sempre procura ganhar com as crises e a partir das crises inventa novas mercadorias e novos mercados. Nas crises o mercado resolve o seu problema, criando novas mercadorias e ampliando o mercado, como fez com os “serviços ambientais”, o “mercado de carbono” e outros produtos com rótulo verde, mas que não mudam de cultura



nem de prática, nem enfrentam a crise ambiental, porque não são solidárias nem sustentáveis. O diagnóstico feito pelo sínodo, bem como o sofrimento da Amazônia e seus povos, percebeu muito bem a perversidade dessa lógica e desse sistema. A Igreja não tem dúvida na sua opção. Claramente “opta pela defesa da vida, da terra e das culturas originárias da Amazônia” (78), mas sabiamente deixou em aberto que é necessário abrir “novos caminhos para uma conversão integral”, ao mesmo tempo que é preciso reconhecer o “pecado ecológico” (82).

### É POSSÍVEL CUIDAR DA AMAZÔNIA? O QUE PODEMOS FAZER DE CONCRETO?

A conversão não é teórica, é prática. Ela tem uma fundamentação teórica e cultural, é feita a partir de uma espiritualidade e de uma mística, mas precisa dar sinais concretos de conversão, de mudanças de atitudes e de início de um novo processo. O documento do sínodo faz algumas propostas compromissos de novos caminhos para uma ecologia integral, como “adotar hábitos responsáveis que respeitem e valorizem os povos da Amazônia, suas tradições e sabedoria, protegendo a terra e mudando nossa cultura de consumo excessivo, de produção de resíduos sólidos, estimulando a reutilização e reciclagem. Devemos reduzir nossa dependência de combustíveis sólidos e o uso de plástico, mudando nossos hábitos alimentares (consumo excessivo de carne e peixe/marisco) por estilos de vida mais sóbrios” (84). Apresento algumas pistas que considero importantes, seja em nível pessoal ou em nível de grupos e comunidades, ou até mesmo de instituições, com impacto na sociedade. É claro que não é completo, porque ninguém vai esgotar a lista, mas com certeza é urgente e inevitável fazer algo se quisermos “preservar” o planeta favorável à nossa espécie humana e milhares de formas de vida.

- **Ouvir os cientistas.** Não é intensão dar Bíblia dar respostas científicas aos problemas, nem tinha a preocupação científica que temos hoje. Para nós hoje, na prática pastoral da Igreja, além de ler a Bíblia, o Papa, os teólogos e os mestres da fé, é preciso ler, ouvir e escutar os cientistas e dar mais

atenção a eles. As previsões que os ambientalistas faziam para 30, 40 ou 50 anos, nas décadas de 60 ou 70 do século passado, normalmente feitas em três cenários, um positivo, um médio e um negativo, se concretizaram de maneira mais rápida e mais forte do que o cenário mais negativo que se podia imaginar, seja na previsão do aquecimento global, das mudanças climáticas, do dióxido de carbono, da reação das algas marinhas, das florestas, do derretimento dos glaciais, do aumento de volume dos oceanos e outros. Apesar de se dizer que conhecemos muito pouco sobre a Amazônia, que ainda tem muitos mistérios, já existe bastante conhecimento acumulado sobre ela. Com certeza o desconhecido é ainda maior do que o já conhecido. Mas o conhecimento que temos já é suficiente para mostrar que temos que mudar muitas das nossas práticas, principalmente o modelo de ocupação e desenvolvimento imposto sobre da Amazônia. Hoje até com os cientistas é preciso tomar cuidado e fazer discernimento, porque há cientistas são pagos por empresas para fundamentar suas práticas e seus lucros, mas há cientistas autônomos e coerentes. Temos que ouvir mais os cientistas e menos os economistas e os políticos. Nossa sociedade é muito prática e rápida para utilizar as tecnologias produzidas pela ciência, mas é surda para as orientações e as indicações dos cientistas. A sociedade não se dá conta, o que é muito perigoso, muito menos os governos se dão conta de que o sistema amazônico corre risco, está ameaçado de entrar em colapso. Não só o sistema Amazônico, mas o sistema Terra, por isso temos que ouvir mais os cientistas. A sociedade hoje é muito técnica e respeita o trabalho e o discurso científico. Para dialogar com a sociedade não é suficiente o discurso religioso. Em temas que se necessita conhecimento científico, como na área de ecologia, é preciso conhecer cientificamente para fundamentar nosso discurso religioso e poder dialogar com a sociedade. O discurso da Igreja continua sendo religioso, mas para ser cientificamente correto, precisa de conhecimento científico. Já foi o tempo em que o dilema era fé ou ciência. Hoje é fé e ciência, se não em



todas as questões, pelo menos no que se trata do cuidado da mãe terra e nas questões vitais de meio ambiente e de ecologia. Não só ouvir e dialogar com a ciência, mas diria ainda mais, dar aos conhecimentos da ciência, uma mística e uma espiritualidade. Há conhecimentos da ciência que precisam de mais ressonância na sociedade, para abrir novos caminhos e fundamentar novas práticas, e a Igreja pode fazer essa ressonância e amplificação. Nós temos acesso a muitos públicos e ambientes que os cientistas e o discurso científico não têm acesso. Por outro lado, a ciência pode dar embasamento científico a muitas posições e pregações da Igreja.

- ***Ouvir os povos da floresta.*** Ao lado do conhecimento científico, acadêmico, é preciso ouvir os povos da floresta, em especial os povos indígenas, mas também os quilombolas, ribeirinhos, pescadores, com seu conhecimento científico, sua vivência mística e sua espiritualidade, sua experiência de convivência com a mata e com as águas. A ciência não está só nas academias ou nos laboratórios, está também na floresta, que é um grande laboratório natural. O habitante amazônico faz parte da floresta e do rio, assim como o rio e a floresta fazem parte do Amazônico. Se acabar com a floresta, o que será do amazônico? O índio amazônico, quando vai para a cidade, leva a floresta com ele; mas se acabar a floresta, não terá mais floresta para levar. A morte da floresta é a sua morte. Não será sem razão que está aumentado o suicídio entre populações indígenas e das populações amazônicas. Quando falo em floresta, pensemos no banho de rio, no por do sol, nas pescas de madrugada, nas noites de caça, nos namoros da lua, na contemplação da chuva, coisas que o ocidental já perdeu, principalmente o mundo urbano. Por isso pode tornar-se um assassino da vida e um destruidor das condições necessárias para a vida. A floresta e seus habitantes se pertencem mutuamente. Eles desenvolveram uma “florestania”, assim como os habitantes da cidade, desde os tempos dos filósofos gregos, desenvolveram a cidadania. Os povos da



floresta e a floresta fazem parte do mesmo território, por isso seu conceito de território é diferente do conceito das mineradoras, dos madeireiros, dos pecuaristas, e mesmo do governo. Porque sua compreensão do território envolve a pertença ao território. Sua vida está ligada ao território, os antepassados pertencem ao território, os espíritos pertencem ao território. O território tem sentimento, coração, história, luta, vida, cultura, antepassados, seres míticos que convivem com a grande comunidade. Não é o território que lhes pertencem, são eles que pertencem ao território.

Ouvir os povos indígenas, no sentido já mencionado, de ouvir a sua cosmovisão e o seu jeito de estar no mundo, sua arte de conviver com a floresta, sua sintonia com a irmã e mãe terra, sua capacidade de acolher o diferente, sua sabedoria e conhecimentos milenares. Há indícios seguros de que a Amazônia é habitada há 12 mil anos. Os habitantes da Amazônia desenvolveram grandes civilizações, “domesticaram” dezenas espécies da floresta, e não a destruíram, nem a esgotaram, ao contrário, a enriqueceram e a tornaram mais biodiversa. Ouvir os povos indígenas no sentido de que eles têm soluções para problemas que nós, nossa civilização ocidental, não temos. Pelo contrário, os criamos e agora somos vítimas de nosso próprio modelo cultural. Ouvir os povos indígenas no sentido de conversão ecológica e integral.

- **Consumir menos.** Nunca é demais repetir: *consumir menos*, menos energia elétrica, menos combustível, menos ar condicionado, menos água, menos ferro, menos cimento, menos equipamentos, menos comida, menos carros, menos minérios, menos indústrias, menos construções, menos rodovias, menos cidades, menos investimentos..., ter uma vida mais sóbria e austera. Nunca vamos deixar de consumir, mas podemos consumir de maneira mais responsável. A Amazônia é limitada. É grande, mas limitada. Para frear a voracidade do consumo predatório



sobre a Amazônia, só reduzindo o consumo. A floresta é limitada e frágil, o que sustenta a floresta é um equilíbrio muito sutil de umidade, chuvas, biodiversidade, matéria orgânica, calor, o próprio solo e o intercâmbio com biomas vizinhos. Não temos escolha, não há outra opção, temos que reduzir nosso consumo se queremos sobreviver neste planeta. Socializar e reduzir. Gaia não tem mais condições de aguentar a depredação produzida pela voracidade produtivista e consumista de hoje. Em 2019 atingimos a sobrecarga no dia 29 de julho. Isso quer dizer que, de acordo com as condições atuais do planeta, consumimos tudo o que ele pode regenerar durante este mesmo ano. Estamos atingindo o dia da sobrecarga da terra três dias mais cedo a cada ano. No ano 2.000 a sobrecarga foi no dia 5 de outubro. Estouramos o nosso orçamento ambiental no início da década de 1970. Estamos em débito, o planeta não consegue mais repor tudo o que consumimos.

- ***Nenhum cálice de ouro mais.*** Se para Deus há que ser o melhor, hoje, com certeza, o melhor não será o ouro. É o metal que tem todo o fascínio do luxo, do poder, da ostentação, da riqueza, da idolatria. Desde os tempos bíblicos o ouro é o símbolo da idolatria, e é uma divindade que tem fome e sede de vidas humanas. Para se produzir um grama de ouro é necessário remover em torno de uma tonelada de terra e pedras. Em alguns lugares são necessárias duas. Só na Terra Indígena Raposo Serra do Sol, dos Yanomamis, em Roraima, são em torno de 20 mil garimpeiros ilegais. A informalidade e ilegalidade na extração dos garimpos cresceram nos últimos meses como uma onda de tsunami em diversos países Amazônicos. Por onde passa deixa seu marco de destruição, desertificação, contaminação, exploração, violência, ilegalidade, criminalidade, prostituição, e toda ordem de problemas sociais e ambientais. Para ser coerentes com a ecologia integral, não podemos comprar mais nenhum cálice, ostensório ou qualquer objeto litúrgico de outro, sob pena de estarmos cometendo um pecado ecológico e social gravíssimo. Ouro nunca mais.

- **Não comer carne.** Esta não é somente uma questão de preferências pessoais, mas de interesse de toda a sociedade. No Brasil, 80% do desmatamento da Amazônia deve-se à pecuária. São mais de 80 milhões de cabeças de gado na Amazônia. São 128 frigoríficos na Amazônia, continuo falando da Amazônia brasileira, que compram gado para abate de aproximadamente 70 mil fazendas. Um dado da Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta que cerca de 70% das enfermidades hoje é decorrência do consumo de carne bovina. É só ligar as informações e tirar a conclusão: reduzindo ou zerando o consumo de carne, vamos reduzir a pressão sobre a Amazônia e o planeta, e ao mesmo tempo melhorar a saúde. A necessidade de proteína animal é um mito do mercado. O mercado não entende argumentos de saúde, sobriedade, austeridade, de problemas sociais ou de impactos ambientais. O mercado só cede sob pressão econômica. Se reduzir o consumo de carne, vai reduzir a criação de gado, e conseqüentemente o desmatamento na Amazônia. Até o presidente do Greenpeace já propôs como uma política mundial, eliminar a carne da dieta humana, como uma alternativa global às mudanças climáticas. Isso sem considerar que o gado, no processo de ruminção para digestão dos alimentos, elimina gás metano, de efeito estufa. O mono cultivo de soja, outra grande causa dos desmatamentos na Amazônia, por sua vez também é para ração de animais.

Nenhuma conversão é completa, integral, se não há mudanças de hábitos alimentares. Assim como nenhum tratamento de uma grave doença é completo sem uma disciplina alimentar. Como poderemos falar em ecologia integral, se não formos capazes de zerar ou ao menos de reduzir drasticamente o consumo de carnes? Se alguém não é capaz de disciplinar nem seus hábitos alimentares, como será capaz de disciplinar outros hábitos de consumo, ou sua própria vida? A mudança de hábitos alimentares provoca outras mudanças, até a forma de pensar e encarar a vida.



- **Fazer jejum.** Este tema está ligado ao anterior. O jejum é uma prática religiosa, e ao mesmo tempo é uma prática de saúde conhecida milenarmente, além de ser uma prática social de solidariedade ou de pressão política, e pode ser também uma prática ambiental, de redução de consumo. Se quisermos atingir um modo de vida sustentável e justo para todos, aqueles que consomem muito e comem muito devem reduzir seus níveis e padrão de consumo. É claro que não vamos propor jejum a quem passa fome ou está desnutrido, mas nenhuma conversão é completa se não há mudanças de hábitos alimentares. O jejum é uma disciplina pessoal de autolimitação nos impulsos de ter e de consumir. A autolimitação é difícil de alcançar devido ao consumismo, mas é uma renúncia necessária para poupar Gaia, a mãe terra, e promover uma cultura da simplicidade voluntária e da sobriedade compartilhada. Mais do que uma sobriedade, é necessário uma austeridade voluntária. Esse discurso religioso. E essa prática tem que começar por nós, na Igreja. A economia não vai fazer esse discurso, nem a política, não do seu interesse propor limites. Sua lógica é a do crescimento ilimitado. A política - entenda-se os políticos - não vai propor redução do crescimento. A política é a primeira a estar a serviço da economia. Nós podemos e devemos jejuar, reduzir o consumo e propor redução de consumo para toda a sociedade. Somos discípulos de grandes jejuadores. Jesus jejuou, os místicos jejuaram, os grandes santos jejuaram, São Francisco de Assis jejuou, o profeta Ghandi jejuou, madre Teresa de Calcutá jejuou, Irmã Dulce dos pobres jejuou. Somos herdeiros dessa tradição. Nunca vamos viver sem consumir, mas se trata de consumir com responsabilidade. A limitação do consumo, o jejum, a sobriedade, a austeridade, é um princípio não só religioso, mas ecológico.

Em tempos de crise é preciso manter viva a esperança. Em tempos de crise global, é preciso uma renovada esperança. Quando a gente lê os cientistas, as previsões são desesperadoras, catastróficas, sem esperança. Quando a gente lê

os teólogos, eles renovam nossa esperança, porque ela é fundamentada na fé, em Deus e no ser humano. É preciso manter os pés fixos no chão, firmes na realidade concreta, com dados fundamentados cientificamente, pois “sabemos que toda a criação está gemendo em dores de parto” (Rm 8,22), para não sonhar ilusões, e achar que com discursos vamos salvar-nos de uma catástrofe ecológica, mas ao mesmo tempo ter os olhos fitos no futuro, alimentados pela fé, para não perder a esperança, capaz de mudar práticas, iniciar tempos novos e sustentar processos de conversão.

Em tempos de crise exige-se profecia. Os profetas nem sempre são agradáveis, nem dizem o que se quer ouvir. São os profetas que pregam a conversão, mas antes de tudo os que vivem a conversão. Com certeza o sínodo foi e continua sendo uma voz profética. Não vamos esperar profecia dos palácios, dos sistemas financeiros, nem dos shoppings centers, as catedrais do consumo, mas podemos confiar na profecia das florestas. Aliás, a floresta é o grande profeta. É preciso manter viva a profecia, sem perder a esperança.